

*Resenha em homenagem ao Prof. Tarcísio Marcos Alves*

## **A memória de um sonhador**

*Review in tribute to Teacher Tarcísio Marcos Alves  
The memory of a dreamer*

Edson Silva<sup>1</sup>

Professor aposentado do Colégio de Aplicação desde 2012, onde lecionou História por 20 anos, Tarcísio Marcos Alves, o Prof. Tarcísio, ou ainda “Tarcísio”, como era chamado, foi muito querido por colegas de trabalho e alunos. Nascido em Gravatá, de família muito pobre teve uma vida bastante difícil na juventude. Segundo informou Eunides, sua companheira nos últimos anos de vida, com 13 ou 14 anos de idade, Tarcísio viajou para Afogados da Ingazeira indo morar com um irmão. Lá no Sertão pernambucano, trabalhou tirando férias do pessoal empregado na estação de trem. Com 18 ou 19 anos, voltou para Gravatá, onde trabalhou no Detran e nos Correios.

Empenhou-se e, estudando em casa sozinho, foi aprovado nos exames dos então cursos primário e ginásial. Estudou o Ensino Superior na FAFICA em Caruaru e, no último ano, foi contratado para lecionar História no mesmo Curso onde estudava. Foi aprovado em concurso no Colégio de Aplicação/UFPE em 1992. cursou o Mestrado em História na UFPE, iniciou o Doutorado em História também na mesma instituição, mas não concluiu os estudos em razão da morte da primeira esposa Sônia, o que lhe deixou muito abalado.

Foi bastante conhecido por suas convicções políticas e ativismo social por longos anos. Se dizia um socialista convicto. Era um leitor compulsivo, com grande erudição e também muita timidez. Faleceu em 19 de março de 2016, aos 67 anos. Sepultado, no dia seguinte, uma tarde de domingo, no Cemitério de Santo Amaro. No velório, sob o caixão, estava a bandeira do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além da viúva e dos filhos, netos e familiares, compareceram colegas de trabalho e várias pessoas amigas que lembraram com muitas emoções o falecido.

---

<sup>1</sup> Doutor em História/UNICAMP. Leciona História no Centro de Educação/Col. de Aplicação-UFPE.

Em 2008, publicara a sua Dissertação de Mestrado em História no formato de livro sobre a qual elaboramos uma resenha<sup>2</sup>, republicada abaixo em sua homenagem.

\* \* \*

Se as pesquisas das memórias orais possibilitam a incorporação a História de grupos deixados à margem das narrativas oficiais, ou mesmo “esquecidos” por aquelas abordagens críticas, o livro publicado por Tarcísio Alves foi uma contribuição significativa ao trazer a luz e provocar reflexões sobre as experiências de organização de uma comunidade popular-religiosa, nos sertões, no Vale do Cariri, Sul do Ceará.

Dentre os romeiros pobres vindos de vários estados nordestinos que se dirigiam a Juazeiro do Norte, para ouvir as prédicas e conselhos do Pe. Cícero, o quase entronizado ainda vivo santo popular, destacou-se José Lourenço. Homem profundamente religioso, (alagoano ou paraibano, não se sabe ao certo), ele fora em 1890 ao Juazeiro procurar a família que estava naquela cidade, atraída pela divulgação boca a boca por todo o Nordeste dos famosos milagres ocorridos naquela cidade considerada santa. O negro José Lourenço integrou-se logo nos primeiros anos de sua chegada à Ordem dos Penitentes, versão masculina dos chamados beatos. Numerosos deles vestidos de roupas pretas ou azuladas com cruces de retalhos brancos, rezavam o terço, visitavam casas, se autoflagelavam pelas madrugadas e ainda percorriam as localidades do Cariri carregando uma cruz, pedindo esmolas e acompanhados de um carneiro, símbolo da mansidão. O Beato José Lourenço tornou-se reconhecido dentre os penitentes pela sua liderança carismática, conquistando também a simpatia, a amizade e a confiança do Pe. Cícero.

As sucessivas secas provocaram a migração de grandes contingentes para o Juazeiro. Os romeiros agricultores, que permaneciam na região, eram estimulados pelo Pe. Cícero a se juntarem a José Lourenço no Sítio Baixa d’Anta, que por volta de 1894 fora arrendado pelo Beato, seguindo os conselhos do religioso. A fama de prosperidade do Sítio, onde trabalho era realizado em mutirão, atraiu cada vez mais famílias para a localidade. Acusado de fanático no início dos anos 1920, José Lourenço foi preso no Crato, em razão dos boatos sobre o Boi Mansinho, um touro presenteado ao Pe. Cícero e criado pelo Beato, supostamente cultuado pelos moradores do Sítio Baixa d’Anta. O Beato voltou para o Sítio, mas esse foi vendido pelo proprietário em 1926, que exigiu uma imediata desocupação das terras. As pressões e

---

<sup>2</sup>Resenha publicada em **Clio Revista de Pesquisa Histórica** nº 25.2, Recife, UFPE, 2007, p. 349-354

perseguições ao Beato visavam a, sobretudo, atingir o Pe. Cícero, bastante questionado e colocado em suspeição pelas autoridades religiosas e civis sobre o movimento em torno do Juazeiro, provocado pelo um fluxo contínuo de romeiros que vinham testemunhar os acontecimentos milagrosos.

O Beato e algumas famílias depois de irem para Juazeiro, em 1928, foram para o sítio Caldeirão dos Jesuítas, terras pertencentes ao Pe. Cícero que em testamento tinha destinado-as aos Salesianos. No Caldeirão, uma propriedade com cerca de 900 hectares, próximo à Serra do Araripe, distando uns 20 quilômetros do Crato, o Beato e seus seguidores refizeram a vida comunitária, plantaram algodão, milho e feijão, construíram uma casa de farinha, modificando a paisagem até então estéril.

Segundo os relatos orais de ex-moradores/as, no Caldeirão não havia circulação de dinheiro. O excedente, a exemplo do algodão, era comercializado e, com os valores obtidos, adquiriam-se o que não fora produzido pela comunidade. A produção estocada era redistribuída de acordo com as necessidades das famílias. As notícias que se espalhavam sobre o Caldeirão atraíam mais famílias pobres de todo o Sertão nordestino. Com a presença de diferentes profissionais, foram produzidas as próprias ferramentas de trabalho, móveis para as casas, roupas com os teares manuais e pelas costureiras. E, com um curtume, arreios para animais e alpercatas. A prosperidade do Caldeirão era acompanhada por uma intensa vida religiosa coordenada pelo Beato José Lourenço. O cotidiano da comunidade estava baseado no trabalho e na oração. Iam e vinham da roça em procissão cantando benditos, liderada pelo Beato. Em 1931, foi iniciada a construção de uma capela e, ao lado dessa, o cemitério, que era também um outro lugar religioso para a comunidade. Eram também todos devotos do Pe. Cícero.

As mudanças políticas ocorridas com a Revolução de 1930 interferiram decisivamente sobre o Caldeirão. Na campanha do desarmamento, os revolucionários invadiram o local. O Beato considerado um elemento perigoso fugiu para escapar da prisão. Sua casa foi arrombada e roubada. O gado foi solto para invadir os plantios. Consideradas improcedentes as acusações, José Lourenço voltou e reintegrou-se à comunidade.

Para impedir o êxodo dos flagelados da longa seca de 1932 em direção as cidades litorâneas, o Governo Federal organizou campos de concentração por todo interior do Ceará.

Eram os chamados popularmente “currais”, onde faltava comida e ocorriam muitas mortes por doenças. As improvisadas medidas assistencialistas oficiais, não evitaram a migração para o litoral, nem os assaltos e saques promovidos pelos famintos. No Caldeirão, muitos foram acolhidos e saciados pelos estoques de alimentos. Essa nova leva de mão-de-obra foi dirigida pelo Beato para construção dos açudes e conclusão das obras da capela. E a escassez de braços para a lavoura possibilitou também a cessão de trabalhadores aos proprietários vizinhos ao Sítio.

Após a morte do Pe. Cícero em 1934, o Sítio Caldeirão passou a ser um centro de romarias dos que buscavam ouvir os conselhos do Beato José Lourenço. A concentração populacional no Caldeirão, que em 1935 era de 400 casas e cerca de 2.000 habitantes, passou incomodar as elites políticas, as autoridades religiosas e civis. Os proprietários vizinhos ao Sítio estavam alarmados. Os “fanáticos” e o Beato eram atacados pelos jornais. Acusações de comunismo e de que o Beato, então com 65 anos, mantinha um harém com 16 concubinas!

Preocupava e muito a Igreja Católica Romana a repetição no Caldeirão do movimento ocorrido no Juazeiro em torno do Pe. Cícero: uma massa de devotos que expressavam uma fé popular contrária aos cânones e a doutrina romana. O que provocou por parte da hierarquia da igreja romana pedidos de explicações e posteriormente o afastamento do religioso de suas funções sacerdotais, como punição pela sua convivência com os romeiros. Assim, o Caldeirão representava um perigo a ser contido! Os padres Salesianos decidiram pedir o Sítio sem indenizar a comunidade pelas benfeitorias. O advogado contratado pelos padres divulgava que se tratava de uma nova Canudos, acusando o Beato José Lourenço de possuir armas escondidas, afirmando ainda que a comunidade de tendência comunista era uma grave ameaça ao Estado. Foi enviado a Caldeirão, como espião oficial, o Capitão José Gonçalves Bezerra, conhecido por sua truculência, por ser um caçador de cangaceiros e matador profissional a serviço das disputas oligárquicas naquela região.

Disfarçado de industrial interessado em fazer negócios, o Capitão Bezerra foi acolhido na casa do Beato. Em suas investigações, o militar registrou a organização da comunidade, enfatizando especialmente as riquezas acumuladas no Sítio, resultado do trabalho sistemático de seus moradores. No seu relatório ainda, o Capitão Bezerra se referiu a uma nova Canudos, formada por um grupo de fanáticos que representavam o terrível perigo comunista, sendo necessária um urgente ação do Estado. O Interventor e Governador do Ceará, após se reunir

com o advogado dos Salesianos, o Bispo do Crato, autoridades policiais e militares, enviou uma tropa ao Caldeirão composta de fuzileiros e soldados portando metralhadoras leves, sob o comando do Capitão José Bezerra. A procura de armas, a tropa invadiu o Sítio, espancou com coronhadas e pontapés os moradores para se revelar um suposto arsenal escondido, mas conseguiu apenas ferramentas agrícolas. Após vários dias de confinamento dos homens, das mulheres e das crianças em um curral, saquearam e incendiaram as casas, ficando o Capitão Bezerra como interventor no Caldeirão até a entrega do Sítio aos Salesianos meses depois.

Após as prisões de alguns líderes levados para Fortaleza, à expulsão e dispersão, várias famílias foram para a localidade Mata dos Cavalos e Serra do Meio, na Serra do Araripe, onde reencontraram, no início de 1937, o Beato José Lourenço e formaram uma comunidade com cerca de 1.000 pessoas. A imprensa publicava que os fanáticos agora estavam escondidos na Serra. Novamente o Capitão Bezerra comandou uma expedição ao novo local da comunidade. Dessa vez, o pequeno efetivo foi repellido pelos camponeses. A notícia da derrota, com a morte do Capitão e de outros integrantes da tropa oficial, provocou um pânico e, acima de tudo, o desejo de represálias nas autoridades. Uma tropa maior rapidamente foi enviada para a Serra do Araripe e, além disso, com autorização do Ministro da Guerra, o General Eurico Gaspar Dutra, foram enviados também três aviões com metralhadoras, bombas e farta munição. Em voos rasantes, os aviões metralharam e despejaram bombas sobre as choupanas dos camponeses, favorecendo o ataque terrestre da força militar que matava a tiros e a baioneta os fugitivos. No massacre, segundo os relatos orais, morreram entre 700 a 1.000 pessoas, sendo em sua maioria velhos e crianças. As tropas ocuparam a Serra por vários dias, prendendo qualquer um que suspeitassem participar na comunidade.

O Beato escapou ao se esconder no mato com algumas famílias. Em 1938, por meio de intermediários, entrou em contato com o Governo do Estado, que reconhecendo sua índole pacífica permitiu seu retorno com umas poucas famílias para o Caldeirão, onde reconstruíam o perdido. Dois anos depois, quando a terra começou a produzir, os Salesianos solicitaram outra vez que abandonassem o Sítio. De posse de uma pequena parcela de dinheiro do leilão dos bens do Sítio em 1936, que após solicitação lhe foi restituída pela Justiça, o Beato comprou um sítio em Exu, Pernambuco, para onde foi acompanhado de algumas famílias. Lá viveu durante oito anos, até 1946, quando morreu de peste bubônica. Seu corpo foi levado por

uma multidão até o Juazeiro, onde, apesar da recusa do padre em celebrar a missa de corpo presente, foi enterrado no Cemitério do Socorro em um túmulo vistoso que é visitado por centenas de pessoas.

O livro publicado, originalmente uma Dissertação de Mestrado defendida no PPGH/UFPE, para a elaboração o autor além de entrevistar ex-seguidores e contemporâneos ao Beato, realizou uma ampla pesquisa bibliográfica, usando ainda como fontes obras literárias, folhetos de cordéis, jornais e os acervos documentais de vários arquivos cearenses. Baseado em um referencial marxista, porém com uma abordagem mais thompsoniana, o estudo suscita pelo menos duas questões fundamentais: para além dos modismos acadêmicos que permeiam atualmente as reflexões no campo da História, qual é mesmo o seu objeto? E, em qual o lugar se situa o/a historiador/a diante de acontecimentos que envolveram grupos socialmente marginalizados? Será que a afirmação de Philippe Aries quando escreveu, “A uma civilização que elimina as diferenças, a História deve restituir o sentido perdido das particularidades”, responde a essas perguntas?

## **Referências**

ALVES, Tarcísio Marcos. **A Santa Cruz do Deserto: a comunidade igualitária do Caldeirão: 19201-937**. Recife, Néctar, 2008, 219p.

ARIES, Philippe. **O tempo da História**. 2ª ed. São Paulo, UNESP, 2013.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. 2ª ed. São Paulo, Cia. das Letras, 2015.